DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 07 | Nº. 13 | Ano 2026

# SIGNIFICADOS SIMBÓLICOS E FUNÇÕES SOCIAIS DOS RITUAIS FÚNEBRES ENTRE OS OVIMBUNDU: UM ESTUDO DA OMBALA DO SAMBU (HUAMBO, ANGOLA)

## SYMBOLIC MEANINGS AND SOCIAL FUNCTIONS OF FUNERAL RITUALS AMONG THE OVIMBUNDU: A STUDY OF THE OMBALA OF SAMBU (HUAMBO, ANGOLA)

**NELVIA FLORA TERTULIANO DE OLIVEIRA PINTO**

**RESUMO**: O artigo analisa os significados simbólicos e as funções sociais dos rituais fúnebres entre os Ovimbundu da Ombala do Sambu (Huambo, Angola). A partir de conceitos endógenos e metodologia etnográfica, compreende a morte como transição para o mundo espiritual. Discute os impactos da colonização, da cristianização e da globalização sobre essas práticas e propõe caminhos para a preservação do patrimônio cultural imaterial angolano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rituais Fúnebres; Ovimbundu; Ombala do Sambu; Patrimônio Imaterial; Abordagem Endógena.

**ABSTRACT**: This article analyzes the symbolic meanings and social functions of funeral rituals among the Ovimbundu of the Ombala of Sambu (Huambo, Angola). Drawing on endogenous concepts and ethnographic methodology, it understands death as a transition to the spiritual world. It discusses the impacts of colonization, Christianization, and globalization on these practices and proposes pathways for the preservation of Angolan intangible cultural heritage.

**KEY WORDS**: Funeral Rituals; Ovimbundu; Ombala of Sambu; Intangible Heritage; Endogenous Approach.

**Site/Contato**

**Editores**

Euclides Victorino Silva Afonso
euclidesafonso96@gmail.com

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

Márcio dos Santos Rodrigues
marcio.strodrigues@gmail.com

# SIGNIFICADOS SIMBÓLICOS E FUNÇÕES SOCIAIS DOS RITUAIS FÚNEBRES ENTRE OS OVIMBUNDU: UM ESTUDO DA OMBALA DO SAMBU: (HUAMBO, ANGOLA)

NELVIA FLORA TERTULIANO DE OLIVEIRA PINTO [1]

## Introdução

A compreensão das dinâmicas socioculturais e cosmológicas das populações do continente africano exige do pesquisador contemporâneo uma profunda revisão dos quadros teóricos e metodológicos legados pelas ciências humanas de matriz ocidental. Historicamente, os rituais fúnebres e as concepções de transcendência das sociedades centro-africanas foram analisados sob a ótica do exotismo, do primitivismo ou como meras "sobrevivências" folclóricas desprovidas de agência histórica intrínseca. Contudo, na perspectiva dos Estudos Africanos contemporâneos e das abordagens críticas endógenas, as cerimônias funerárias revelam-se como autênticos e complexos laboratórios de produção de saber, afirmação identitária e manutenção da coesão social.

Este artigo explora os significados simbólicos e as funções sociais dos rituais fúnebres entre os Ovimbundu, com foco específico no espaço situado na Ombala do Sambu, província do Huambo, na região central de Angola. Os rituais fúnebres constituem uma dimensão central na estruturação da vida cotidiana e espiritual dos povos de língua umbundu, traduzindo valores profundamente arraigados em suas comunidades rurais. Conforme assinalado pelas formulações críticas de Ivaldo Marciano de França Lima (2019a), a investigação de tais fenômenos impõe o uso de um repertório conceitual rigoroso, que leve em conta as especificidades, as minudências e a historicidade do espaço pesquisado, evitando o decalque mecânico de teorias exógenas. Nesse sentido, a tradução e a interpretação dos eventos observados na Ombala do Sambu não podem ser satisfatoriamente executadas se tomarmos por referência conceitos consagrados pela fortuna crítica de uma historiografia ocidental, tais como "reino" ou "rei".

A estrutura político-social e territorial de uma Ombala possui características intrínsecas que não se reduzem aos modelos de centralização política vigentes no oeste do continente europeu. Os espaços e seus eventos pedem conceitos que dêem conta de suas particularidades históricas e geográficas; o mesmo se aplica às unidades políticas dispostas no planalto do Huambo. De igual modo, rejeita-se a periodização quadripartite linear (Idade Antiga, Média, Moderna e Contemporânea), que sugere uma perspectiva de tempo homogênea pautada exclusivamente em marcos históricos da parte oeste do continente europeu, a exemplo da queda do Império Romano ou da Revolução Francesa (LIMA, 2019a; 2024).

[1] Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Representações da África (PPGEARA) – UNEB/DEDC XV. tertulianonelvia@gmail.com

Tais eventos possuem pouca ou nenhuma aderência com a trajetória dos povos da África Centro-Ocidental, cujos ritmos de transformação temporal e espacial operam a partir de dinâmicas próprias de longa duração. A morte para os Ovimbundu não caminha em linha reta, mas em uma espiral de continuidade ontológica. No universo conceitual Ovimbundu, a morte não representa uma ruptura definitiva ou um fim absoluto da existência individual e coletiva. Ao contrário, ela é vivenciada como um rito de passagem crucial, uma transição ontológica para uma nova forma de existência no mundo invisível. Nesse novo plano, os falecidos ascendem à condição de ancestrais (olombamba), passando a atuar como protetores, conselheiros e vigilantes da conduta moral dos vivos. Portanto, as práticas funerárias tradicionais não se esgotam na despedida do corpo físico; elas envolvem uma densa rede de ações simbólicas destinadas a garantir que o falecido faça uma transição harmôniosa, sem perturbar o equilíbrio entre o mundo visível e o invisível. Este artigo esquadrinha as funções rituais na Ombala do Sambu e problematiza as severas transformações geradas pela colonização intensiva, pela cristianização e pelos fluxos da globalização contemporânea, que introduzem novos desafios à salvaguarda do patrimônio cultural imaterial angolano.

## O Problema de Investigação e a Tensão da Globalização

Antes do processo de colonização efetiva promovido pelo Estado português a partir do final do século XIX e início do século XX, a Ombala do Sambu caracterizava-se pela observância rigorosa de preceitos e protocolos funerários específicos, os quais variavam drasticamente conforme o estatuto social, político e espiritual do falecido. Os funerais de gêmeos, indivíduos que cometeram suicídio, soberanos (olosoma) ou autoridades da "corte" tradicional obedeciam a códigos rituais distintos e simbologias próprias. Essas variações rituais funcionavam como mecanismos de espelhamento da própria hierarquia e organização social da comunidade, reiterando a ordem cosmológica dita bantu na qual o caos da morte deve ser domesticado pela ação ritual coletiva. Com o advento da colonização e o avanço de valores compósitos — marcados pela introdução do catolicismo e do protestantismo ressignificados e pela imposição da administração colonial —, essas práticas fúnebres tradicionais passaram a ser sistematicamente desvalorizadas, perseguidas ou interpretadas sob a rubrica da "feitiçaria" e do atraso civilizatório.

Na contemporaneidade, a intensificação dos fluxos econômicos e culturais da globalização acelera a erosão dessas tradições locais, promovendo a hegemonia de modelos fúnebres urbanizados e exógenos que desarticulam a função comunitária original do funeral na Ombala. Frente a essa realidade de rápida desconfigurafão cultural, desenhou-se o problema

central deste artigo: quais estratégias e leituras epistemológicas podem ser mobilizadas para compreender e valorizar os rituais fúnebres tradicionais da Ombala do Sambu em meio às pressões da globalização e das influências culturais externas? Para responder a essa questão, fez-se necessário esquadrinhar a estrutura ritual sob a lógica interna da comunidade, mapeando seus elementos simbólicos e avaliando o impacto histórico das intervenções institucionais que atuaram sobre o planalto do Huambo.

**Justificativa e Relevância Social do Estudo**

A imersão nesta temática articula-se tanto com uma dimensão de observação empírica quanto com imperativos científicos e políticos do contexto angolano contemporâneo. A percepção da riqueza simbólica e da diversidade das práticas funerárias que variam conforme a aldeia e o estatuto do falecido demonstram que, na Ombala do Sambu, os funerais transcendem o ato do sepultamento. Eles funcionam como autênticos eixos de coesão social, espaços de afirmação identitária contra-hegemônica e locais primordiais para a transmissão intergeracional de saberes ancestrais pela oralidade. A relevância deste artigo desdobra-se em múltiplas dimensões. No plano estritamente científico, este artigo preenche uma lacuna na historiografia e nos textos decorrentes das descrições antropológicas, dedicadas ao planalto central de Angola, oferecendo uma análise das práticas rituais que estruturam a cosmovisão Ovimbundu fora dos binarismos ocidentais convencionais.

No plano cultural e social, o artigo justifica-se pela urgente necessidade de discutir e refletir sobre a documentação e a salvaguarda das tradições orais em iminente risco de desaparecimento devido à expansão de paradigmas globalizados, fortalecendo a memória coletiva e a identidade comunitária dos habitantes da região. Por fim, no plano político, este artigo sintoniza-se com as diretrizes do Plano Nacional de Apoio e Promoção da Cultura (PLANACULT) de Angola, que incentiva o mapeamento e a valorização do patrimônio cultural imaterial das diversas comunidades imaginadas (ANDERSON, 2008) do país, oferecendo dados para a formulação de políticas públicas culturalmente sensíveis e descentralizadas.

Importante destacar, ainda que de forma incipiente, que a indicação do conceito de "comunidades imaginadas" feita anteriormente refere-se ao modo como compreendemos os agrupamentos de homens e mulheres que compartilham língua, práticas, costumes e territórios. O conceito de "povo" é o que melhor define esta junção de eventos e fenômenos, ainda que exista razoável fortuna crítica que utiliza os conceitos de "grupo étnico linguístico" ou de "grupos étnicos". Ao nosso ver, a noção de "grupo" carrega uma rigidez taxonômica e uma herança classificatória exterior que não consegue traduzir o complexo, fluído e dinâmico processo por

meio do qual indivíduos diversos se reconhecem mutuamente e negociam os elementos identitários que os definem. A ideia de "povo", em contrapartida, evoca uma soberania política, uma historicidade profunda e uma capacidade de agência que dignifica as construções sociais africanas, retirando-as do estatuto de meras subdivisões folclóricas ou biológicas implícitas no termo "etnia".

Ao articular a categoria de "povo" à perspectiva das "comunidades imaginadas", compreende-se que a partilha do território e da língua não decorre de um determinismo geográfico ou de um isolamento cultural amorfo. Trata-se de uma construção mental, discursiva e simbólica altamente sofisticada. Os membros dessas comunidades, mesmo que jamais se conheçam individualmente, partilham a imagem viva de uma comunhão de destino, de uma memória coletiva e de um ordenamento institucional comum — como se observa nas complexas estruturas das ombalas e dos mais diversos tipos de unidades centralizadas existentes no continente em período anterior à fixação ultramarina. Portanto, a utilização dos conceitos de "povo" e de "comunidade imaginada" atua como um imperativo de rigor historiográfico, essencial para fazer justiça à densidade das alianças, das migrações e das identidades que estruturam a trajetória histórica das sociedades africanas.

## Fundamentação Teórica e Revisão da Fortuna Crítica

O adensamento analítico desta investigação requer um diálogo crítico com a produção teórica que se debruçou sobre a chamada cultura bantu e suas manifestações religiosas no espaço angolano. A obra clássica de Raul Altuna, Cultura Tradicional Bantu (1980), oferece um ponto de partida etnográfico ao descrever detalhadamente a dimensão espiritual e simbólica dos rituais de passagem. Cumpre assinalar, em termos de vigilância epistemológica, que o termo "bantu" é aqui compreendido primordialmente como uma classificação linguística e interpretativa exógena, e não como uma unidade cultural homogênea ou uma comunidade de sentido. Altuna (1980) demonstra com precisão que, no horizonte civilizatório desses povos, a morte é concebida como um processo de reintegração do indivíduo no mundo dos ancestrais. Os rituais funcionam como garantias de que essa transição ocorra de modo harmonioso, respeitando as prescrições sociais e os códigos espirituais que evitam a ira dos mortos sobre a comunidade viva.

Por sua vez, as transformações históricas sofridas por esses rituais sob a violência do colonialismo são analisadas de forma contundente por José Barbosa (2018) em sua tese Nas Fronteiras da Liberdade: Colonização, Descolonização e Ritos Fúnebres na Angola Contemporânea. Barbosa demonstra como as práticas funerárias tradicionais foram fraturadas pela imposição de valores ocidentais e cristãos, gerando tensões profundas entre uma concepção

linear, salvífica e individualista da morte cristã e a perspectiva cíclica, comunitária e integradora que caracteriza a filosofia de vida local. Contudo, deve-se criticar na literatura tradicional a tendência em reproduzir visões generalistas herdadas do século XIX que opõem "África" e "Europa" como blocos estáticos, sem atentar para as micro-resistências e as apropriações internas operadas pelos sujeitos locais.

Essa dinâmica de mútua constituição e composição religiosa é esquadrinhada por Andrea Marzano (2012) em Cruzes e Feitiços: Identidades e Trocas Culturais nas Práticas Fúnebres em Angola. Embora o foco de Marzano se localize prioritariamente nos contextos urbanos e periurbanos de Luanda entre os séculos XIX e XX, sua teorização sobre os rituais funerários como espaços de negociação, conflito simbólico e hibridização cultural fornece ferramentas metodológicas fundamentais para interpretar as transformações na Ombala do Sambu. Os rituais funerários revelam-se não como fósseis imóveis do passado, mas como arenas onde o cristianismo, as cosmologias locais e as demandas da modernidade colonial se chocam e se reorganizam continuamente.

Adicionalmente, os estudos de Evalinda Canivete (2020) sobre os ritos fúnebres na cultura umbundu no município da Caála reforçam a importância crucial da oralidade e da participação comunitária ativa como mecanismos de salvaguarda do patrimônio imaterial. Esses dados históricos e contemporâneos ganham profundidade quando contrastados com os registros oitocentistas dos exploradores Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens em sua obra De Angola à Contra-Costa (1882). Embora os relatos desses viajantes coloniais estivessem impregnados do viés etnocentrico e evolucionista da época, seus registros e descrições detalhadas fornecem dados brutos valiosos para reconstituir a configuração das práticas fúnebres e da estrutura das Ombalas no planalto central antes da desestruturação provocada pelas campanhas de pacificação coloniais intensivas.

## Análise Estrutural dos Rituais na Ombala do Sambu

Na Ombala do Sambu, a execução dos rituais fúnebres obedece a uma complexa cartografia simbólica que visa restabelecer o equilíbrio comunitário fraturado pelo desaparecimento de um de seus membros. A morte introduz uma desordem provisória no tecido social; o papel do rito é circunscrever essa desordem por meio de gestos, vocalizações e prescrições espaciais precisas. A tipologia ritual varia substancialmente de acordo com a natureza da morte e a posição social do indivíduo, demonstrando que a sociedade Ovimbundu projeta no plano metafísico as suas distinções e hierarquias materiais.

Para fins de clareza etnográfica, a tabela abaixo sistematiza as principais distinções observadas nas regras rituais da Ombala do Sambu conforme a categorização do falecido:

| Estatuto do Falecido | Especificidades e Prescrições Rituais | Função Simbólica e Cosmológica |
|---|---|---|
| **Soberanos e Autoridades Tradicionais (Olosoma / Olonjaki)** | Choro público inicialmente interditado; rituais secretos conduzidos pela elite da corte na escuridão da Ombala; sepultamento em locais sagrados (funda) ocultos da população geral. | Garantir a transmissão contínua do poder político e a transformação do governante em ancestral dinástico protetor da integridade territorial. |
| **Gêmeos (Olova)** | Ritos festivos, marcados pela ausência de lamentações tradicionais; uso de cânticos específicos e oferendas vegetais; proibição de expressões de desespero. | Apaziguar a energia espiritual dual inerênte aos gêmeos, de extrema potência cosmológica, evitando que a comunidade seja afetada. |
| **Suicidas** | Sepultamento rápido e marginal fora dos limites da Ombala; ausência de honras rituais; rituais específicos de purificação da terra. | Isolar a contaminação espiritual da "morte ruim" (enjoi) e cortar o laço metafísico que prenderia esse espírito perturbado ao espaço dos vivos. |

Essa diferenciação estrutural evidencia que os rituais funerários não funcionam unicamente como manifestações de dor psicológica, mas sim como dispositivos sociopolíticos de ordenação do espaço e do tempo comunitário. O funeral atua como uma arena onde a memória histórica da Ombala é recitada, as genealogias são atualizadas e as disputas de poder local são arbitradas e pacificadas sob a égide da autoridade dos ancestrais.

## Abordagem Metodológica

A arquitetura metodológica desta investigação foi estruturada a partir de uma abordagem predominantemente qualitativa, de caráter etnográfico e interpretativo, considerada a mais aderente para decifrar a densidade dos significados simbólicos e das funções sociais das cerimônias funerárias no planalto do Huambo. Práticas culturais assentadas na oralidade e na agência espiritual exigem do pesquisador uma imersão atenta no cotidiano social, priorizando a escuta ativa e a observação contextualizada.

O desenho operacional sustentou-se na articulação de três métodos combinados: Estudo de Caso, focado na Ombala do Sambu como unidade sociocultural específica e delimitada, permitindo verticalizar a análise de suas estruturas tradicionais; Pesquisa Bibliográfica e Documental, com levantamento crítico focado no tensionamento das fontes coloniais e da literatura africanista sobre os povos de língua bantu; e Trabalho de Campo Etnográfico, com

imersão no espaço da Ombala, recorrendo à observação participante durante a ocorrência de cerimônias cotidianas e de transmissão oral do conhecimento.

As técnicas de recolha de dados envolveram a realização de entrevistas semiestruturadas com uma amostra intencional e estratificada de 40 sujeitos, composta por 10 membros da corte da Ombala do Sambu (representantes da liderança tradicional e da elite cerimonial) e 30 habitantes locais reconhecidos pela comunidade como detentores de saberes tradicionais. Os discursos foram registrados e analisados por meio da Análise de Conteúdo Temática.

Cumpre notar que o trabalho de campo seguiu estritos preceitos de respeito à autonomia e ao consentimento informado dos participantes, garantindo-se o sigilo e o anonimato das identidades sagradas locais.

## Discussão dos Resultados e Fraturas Epistemológicas

Os dados documentais e de campo evidenciam que os rituais fúnebres na Ombala do Sambu enfrentam um cenário de severo tensionamento provocado pelo avanço de agências externas. O avanço de igrejas cristãs de matriz neopentecostal e evangélica carismática na província do Huambo efetuou uma violenta deslegitimação das práticas tradicionais. Muitas dessas teologias contemporâneas classificam as cerimônias de evocação dos ancestrais na Ombala como atos de "demonismo", coagindo os jovens a abandonarem a participação nos ritos de passagem de seus familiares mais velhos.

Esse fenômeno produz uma grave ruptura intergeracional na transmissão dos saberes orais. Verificou-se que os habitantes mais jovens, atraídos pelas dinâmicas da urbanização e pelos apelos da modernidade globalizada, demonstram dificuldades em decodificar a linguagem simbólica dos rituais, encarando as prescrições da corte tradicional como superstições obsoletas. Essa erosão do conhecimento prático compromete a própria função de coesão social do funeral: quando a comunidade perde a capacidade de ler e executar os gestos rituais tradicionais, desmorona o principal esteio de afirmação identitária que historicamente protegeu os Ovimbundu das fraturas impostas pelo colonialismo português.

Por outro lado, a análise dos dados revela que as instâncias remanescentes da corte tradicional da Ombala efetuam uma autêntica tática de resistência quotidiana, ainda que não se possa afirmar ser esta decorrente de um projeto cônscio. Diante da impossibilidade de frear completamente a influência cristã, os guardiões do rito passam a reelaborar as cerimônias, efetuando composições e acomodações táticas nas quais elementos rituais tradicionais e iconografias ocidentais coexistem. Os funerais contemporâneos convertem-se, desse modo, em

arenas de disputa epistemológica, onde a comunidade negocia cotidianamente os termos de sua inserção na modernidade sem abdicar por completo da revertência à autoridade dos mortos.

## Considerações Finais

O estudo dos rituais fúnebres na Ombala do Sambu descortina a complexidade e a vitalidade das estruturas civilizatórias dos Ovimbundu frente aos desafios impostos pela globalização e pelo legado colonial em Angola. Longe de constituirem meros formalismos folclóricos ou práticas residuais em vias de extinção, as cerimônias funerárias tradicionais revelam-se como eixos centrais de inteligibilidade social, ordenamento político e resistência identitária no planalto central do Huambo.

A investigação evidenciou que os rituais fúnebres funcionam como espaços primordiais de transmissão intergeracional de saberes e de manutenção da coesão comunitária. A desestruturação dessas práticas pela pressão conjunta da cristianização intolerante e dos fluxos globalizados resulta em uma severa perda patrimonial para a memória coletiva angolana. Torna-se imperativo, portanto, abandonar as grelhas analíticas exógenas, advindas do ocidente, que relegam tais manifestações ao campo do anacronismo civilizatório.

Para o campo dos Estudos Africanos e da formulação de políticas públicas culturais na África contemporânea, os resultados apontam para a urgência de implementar estratégias descentralizadas de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, integrando as lideranças tradicionais da Ombala do Sambu e as instituições educativas locais. A revitalização e o respeito a essas cosmologias fúnebres não implicam um fechamento idílico ao passado ancestralizado, mas sim o reconhecimento do direito dos povos de línguas bantu à sua própria historicidade, permitindo-lhes negociar os dilemas do tempo presente sem o apagamento de suas matrizes cosmológicas fundantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTUNA, Raul. **Cultura Tradicional Bantu.** Luanda: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1980.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai:** A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

BARBOSA, José. **Nas fronteiras da liberdade:** Colonização, descolonização e ritos fúnebres na

Angola contemporânea. Tese (Doutoramento em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

CANIVETE, Evalinda. **Projecto de pesquisa sobre ritos fúnebres na cultura Umbundu** – Município da Caála. Huambo: Instituto Superior Politécnico, 2020.

CAPELO, Hermenegildo; IVENS, Roberto. **De Angola à Contra-Costa:** descrição de uma viagem através do continente africano. Lisboa: Imprensa Nacional, 1882. Vol. I e II.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Ensino de História, África e Brasil:** Entre Conceitos e Estereótipos. Revista Tempo, Espaço e Linguagem, v. 10, p. 41-69, 2019a.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Representações da África no âmbito do ensino de história: algumas questões de análise dos conteúdos. **Labirinto** (UNIR), v. 31, p. 97-123, 2019b.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Entre a representação e a coisa representada**. Tese para Progressão para Professor Titular. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2024.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. África Contemporânea: Representações, Problemas e Perspectivas. **Cadernos de África Contemporânea**, v. 01, p. 71-89, 2018.

MARZANO, Andrea. **Cruzes e feitiços:** identidades e trocas culturais nas práticas fúnebres em Angola. Lisboa: Centro de Estudos Africanos da Universidade de Lisboa, 2012.

MUDIMBE, Valentin Y. **A Invenção de África:** Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2019.

Recebido em: 08/10/2025

Aprovado em: 22/02/2026